

## RUBEM BRAGA

## GUERRA

UM jornal pediu minhas recordações do fim da guerra, e eis o que me ocorreu escrever:

No dia em que a guerra, terminou na Europa eu não estava na frente. A guerra para mim terminara pouco antes, a 30 de abril, quando assisti, numa poeirenta estrada iluminada por um sol quase horizontal, perto de Collecchio, a rendição aos brasileiros da 90.ª Divisão Blindada alemã. Doente, magérrimo, com a mão direita quebrada, deixei a frente naquele dia e, pegando carona em jipes e caminhões, consegui chegar a Florença, onde arranjei um avião para Roma.

Eu não poderia esquecer, entretanto, as emoções e os pensamentos do dia da Vitória. A principal emoção era alívio: mas os pensamentos eram mais melancólicos do que alegres. Talvez porque eu estivesse com uma inevitável depressão nervosa; talvez porque me acudissem ao espírito cenas que eu não presenciara mas vira reconstituídas no cinema tantas vezes: a monstruosa festa da população de Nova York no dia do armistício da Primeira Grande Guerra. Toda aquela alegria da Vitória se transformara depois em inquietação, tristeza, crises, conflitos — até que começasse a Segunda Grande Guerra. E eu pensava, em 1945: liquidados hoje militarmente o nazismo e o fascismo, quem nos garante que vamos apenas começar a descansar para outra guerra? Quanto tempo durará a camaradagem da vitória entre os países capitalistas e a Rússia? Quando começará a Terceira Grande Guerra?

Hoje, 12 anos passados, já sabemos que se vier a Terceira Grande ela será, com todas as probabilidades, a última. Se forem usadas todas as armas já estocadas nesses 12 anos não sobrá coisa alguma da Humanidade, nem na Europa nem na Ásia nem em Pará de Minas. Ou os seres humanos que sobrarem serão tão fracos que apenas terão força para brigar entre si a sopapos, ou se agarrarem uns aos outros pelos cabelos, como pobres meninos.

Aconteceu, entretanto, uma coisa — muitíssimo pouco lembrada — na Segunda Guerra, que pode dar alguma esperança a quem fizer muita questão de ser otimista. Perto de Livorno, quilômetros e quilômetros de estrada ladeavam um imenso depósito que nenhum correspondente poderia referir: era o material acumulado para a guerra química, ativa e passiva. Cada um de nós recebeu, a certa altura, uma máscara contra gases, e uma vaga instrução de como usá-la. Lembro-me de ter andado algum tempo com aquele trambolho. Mas a lembrança das desgraças produzidas pelos gases na guerra anterior era tão horrível que na Segunda nenhuma potência ousou lançar mão do mesmo recurso. Cada um sabia, certamente, que o adversário dispunha das mesmas armas — ou talvez piores — e poderia vir a fórra. As grandes potências inimigas gastaram inúmeros bilhões de dólares preparando-se para fazer ou revidar a guerra química — e ela não houve. O medo paralisou os contendores.

Os bilhões infinitamente mais numerosos gastos com a guerra atômica depois da rendição japonesa não terão o mesmo fim? Que americano louco terá coragem de lançar uma bomba de hidrogênio sobre a Rússia sabendo que ela tem meios de logo a seguir fazer explodir outra sobre Nova York? E que russo desvairado terá a audácia de fazer o primeiro gesto, sabendo que está condenando a morte milhões de criaturas de Moscou?

Há outro fator bom a considerar: em uma próxima guerra mundial os patriotas da retaguarda, os «profiteurs» e os histéricos de todos os tipos que costumam entusiasmar os môços a partir sabem muito bem que o «front» dessa vez não será o Reno nem o Báltico: tudo será «front», pois a morte choverá sobre o mundo inteiro; o «front» será dentro da casa de cada um, do organismo de qualquer um.

«Lembranças do fim da guerra»  
Manuel Pinheiro  
475 1961

et

161

Cuba ou o Laos